



Estratégias de ensino: a história da arte de forma anacrônica

Cleison Rafael Goulart da Silva¹

rafaelartes@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Resumo: A presente pesquisa aborda a experiência do método anacrônico de ensino através do estudo de aspectos estéticos, históricos e sociais acerca da mulher, do homem e do híbrido ao longo da História da Arte. Aplicado aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) dos ensinamentos fundamental e médio das instituições Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) e Escola de Ensino Médio Bibiano de Almeida, o artigo também analisa a percepção e recepção desses discentes a partir dos resultados obtidos com um questionário proposto aos mesmos ao final das aulas.

Palavras-chave: História da arte; ensino de arte; EJA.

Experiência significativa

Faz-se plausível ao iniciar o presente artigo, contar brevemente os motivos que impulsionaram a realização dessa pesquisa, na qual gerou grandes inquietações.

Em 2011 ministrei aulas de História da Arte em um curso preparatório para o ENEM. Dentro de 45 minutos de encontros semanais era preciso abordar da pré-história ao contemporâneo. Posto nessa condição, optei por apresentar aos alunos um ou dois períodos artísticos por aula, seguindo a cronologia horizontal e contínua do tempo. Contudo, não conseguimos suprir o cronograma proposto e uma lacuna da história foi rasamente preenchida em uma última aula que retomava todos os conteúdos anteriormente abordados.

Essa experiência foi de tal forma significativa, que no ano seguinte, ano dos estágios obrigatórios para a obtenção do grau de licenciado, decidi trabalhar em torno do fragmento que mais me chamou a atenção e que talvez fora o que impediu a conclusão do conteúdo programado na situação mencionada anteriormente: a

¹ Cleison Rafael Goulart da Silva é graduado do curso de Artes Visuais com ênfase em Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Atualmente é reingressante da Universidade Federal do Rio Grande - FURG do curso de Artes Visuais com ênfase em Bacharelado em Poéticas Visuais e trabalha na Biblioteca Central do campus FURG Carreiros como bolsista do projeto "Inclusão Digital Através do Laboratório de Fontes de Informações Digitais do Sistema de Bibliotecas da FURG", ministrando minicursos sobre o Portal de Periódicos CAPES.



abordagem linear e continua da História da Arte. Ao contrário disso, propus no estágio uma abordagem anacrônica dos períodos artísticos.

Entre tempos

Etimologicamente a palavra anacronismo vem do grego *aná* (ana = contra) e *χρόνος* (chronos = tiempo), que significa basicamente “contra o tempo”. Numa interpretação mais elaborada, trata-se de uma comparação que conecta dois ou mais eventos separados por um período de tempo considerável que os torna difíceis de serem comparados. Alguns historiadores acham a forma anacrônica perniciosa, uma vez que sua teoria tenta comparar eventos tão distantes que por vezes são distintos demais para estabelecer tais comparativos. Entretanto não é comparação que queremos aqui, mas sim perceber uma primeira germinação de fatos históricos, uma historicização que culmina no que nos constitui na contemporaneidade, como coloca Didi-Huberman

Estamos ante el muro como frente a un objeto de tiempo complejo, de tiempo impuro: un extraordinario montaje de tiempos heterogéneos que forman anacronismos. En la dinámica y en la complejidad de este montaje, las nociones históricas tan fundamentales como la de “estilo” o la de “época” alcanzan de pronto una peligrosa plasticidad (...) Plantear la cuestión del anacronismo, es pues interrogar esta plasticidad fundamental y, con ella, la mezcla, tan difícil de analizar, de los diferenciales de tiempo que operan en cada imagen. (DIDI-HUBERMAN, 2008, p. 39-40)

Ao analisarmos uma imagem, podemos estabelecer inúmeras relações com ela de acordo com as referências que temos e que nos é dada, e que mesmo sendo de períodos heterogêneos, os tempos tornam-se homogêneos a medida em que seus elos vão se conectando, formando uma grande corrente que envolve o tempo, seja ele passado, presente ou futuro. Dissociados do estudo temporal fixo, amplas e múltiplas combinações artísticas e histórico-sociais podem ser feitas entre as épocas. Ainda que linear, o ritmo anacrônico não é horizontal e sequencial, mas sim linearmente fragmentado e móvel, abrindo a imagem para diversas interpretações e conexões.

Sacamos la impresión de que los contemporáneos a menudo no se comprenden mejor que los individuos separados en el tiempo: el anacronismo atraviesa todas las contemporaneidades. No existe - casi - la concordancia entre los tiempos. (...) Es mas válido reconocer la necesidad del anacronismo



como una riqueza: parece interior a los objetos mismos - a las imágenes - cuya historia intentamos hacer. El anacronismo sería así, en una primera aproximación, el modo temporal de expresar la exuberancia, la complejidad, la sobredeterminación de las imágenes. (DIDI-HUBERMAN, 2008, p. 38-39)

O anacronismo é necessário e fecundo quando o passado mostra-se insuficiente e constitui, inclusive, um exercício para a compreensão do mesmo (DIDI-HUBERMAN, 2008), não somente para que o passado faça sentido, mas também com intentos de que esse acesso ao pretérito possa gerar, sobretudo, uma maior compreensão da contemporaneidade em que vivemos.

Campo de atuação

No ano de 2012 realizei o estágio em duas escolas públicas da cidade de Rio Grande na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA, no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) localizada na zona periférica da cidade e na Escola Estadual de Ensino Médio Bibiano de Almeida no centro. Em ambas os encontros da disciplina de Artes eram de 45 minutos por semana, assim como no curso preparatório mencionado anteriormente, dessa forma, ministrei as mesmas aulas para duas turmas em cada instituição, totalizando 4 turmas.

A opção pela realização do estágio na EJA, deu-se pela rica gama de tempos distintos encontrados, uma vez que há indivíduos de 15 a 50 anos ou mais dialogando dentro de uma turma dessa especificidade, e também pelo desafio de tentar adaptar o ensino de história da arte dentro de um curto período de tempo.

No Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) realizei o estágio em duas turmas equivalentes a 4ª série do ensino fundamental. A lista de chamada contabilizava 19 alunos na IV Etapa I e 27 alunos na IV Etapa II, totalizando 46 estudantes matriculados.

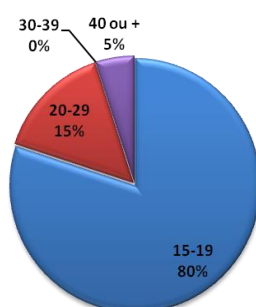




Gráfico 1 - CAIC - Idades

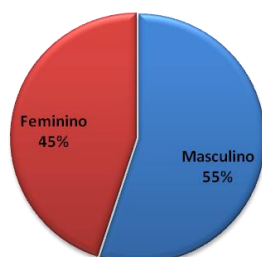


Gráfico 2 - CAIC - Sexo

Assim como no CAIC, na Escola Estadual de Ensino Médio Bibiano de Almeida somaram-se ao todo 46 alunos de acordo com lista de chamada, divididos em 21 na turma 9B e 25 alunos na 8C, respectivamente equivalentes ao 2º e 3º anos do ensino médio.

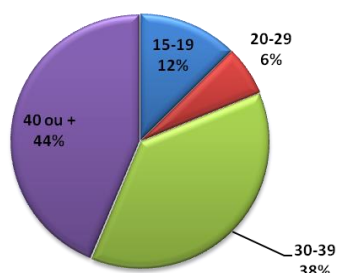


Gráfico 3 - Bibiano de Almeida - Idades

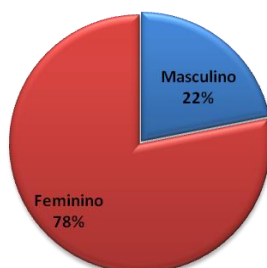


Gráfico 4 - Bibiano de Almeida - Sexo

Em sala de aula



Dividi as aulas em três módulos teóricos compostos pelas seguintes temáticas: homem, mulher e híbrido na história da arte.

No começo de cada aula teórica foram lançadas perguntas exploratórias na tentativa de estimular o aluno para o conteúdo que viria a seguir: *Como você vê a mulher o meio social e na Arte? Como você vê o homem no meio social e na Arte?*

No híbrido, a pergunta era relativa a uma questão lançada por Walter Benjamin (2006): *“O que poderá acontecer agora, nessa era da reprodutibilidade técnica, na qual as imagens que criamos, e a nossa própria identidade, se baseiam noutras imagens?”*.

Sem quaisquer informações prévias, os alunos teriam de responder a essas questões baseados em sua própria visão de mundo. Após responderem, iniciava-se o conteúdo que consistia apenas na apresentação de obras de arte por meio de slides. A primeira obra apresentada sempre era contemporânea, ao passo que as outras a seguir viriam anacronicamente, ou seja, sem linearidade, seguindo o fluxo das análises históricas, sociais, estéticas, artísticas tanto do conteúdo em si quanto dos próprios alunos e suas experiências de vida, na tentativa de mapear esses tempos no cotidiano e compreender de que forma eles habitam nossa contemporaneidade.



Imagem 1 - Imagens apresentadas na aula sobre a mulher na história da arte

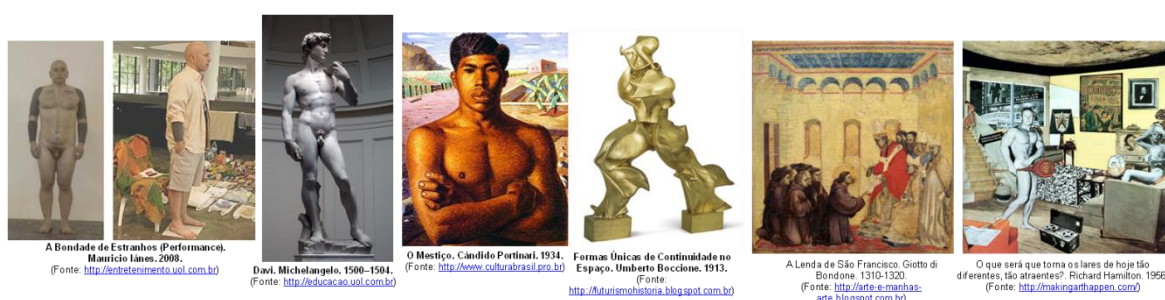




Imagem 2 - Imagens apresentadas na aula sobre o homem na história da arte

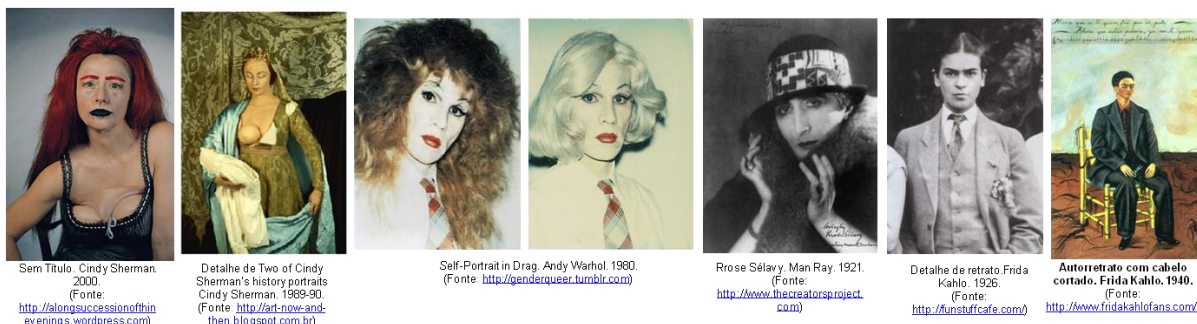


Imagem 3 - Imagens apresentadas na aula sobre o híbrido na história da arte

Resultados

Ao final do estágio, como forma de feedback, apliquei aos alunos um questionário contendo 6 perguntas, que limitaremos aqui às 4 principais nas quais aqui gira em torno, que são a 1, 3, 4 e 6.



1 - Qual aula teórica você mais gostou de ter participado?

() A Mulher na História da Arte. Por quê?

() O Homem na História da Arte. Por quê?

() O Híbrido na História da Arte. Por quê?

2 - Qual aula prática você mais gostou de ter participado?

() Cadavre-exquis. Por quê?

() (Re)Construção. Por quê?

() O que vemos, o que nos olha; Por quê?

3 - Você achou pertinente o método anacrônico de abordagem do conteúdo?

() Sim. Por quê?

() Não. Por quê?

4 - Com relação às aulas teóricas. Você considera que aprendeu alguma coisa?

() Sim. Por quê?

() Não. Por quê?

5 - Com relação às aulas práticas. Você considerou satisfatória?

() Sim. Por quê?

() Não. Por quê?

6 - Gostaria que as aulas continuassem?

() Sim. Por quê?

() Não. Por quê?

CRÍTICAS E SUGESTÕES:

Imagem 4 - Questionário com as perguntas.

Caic

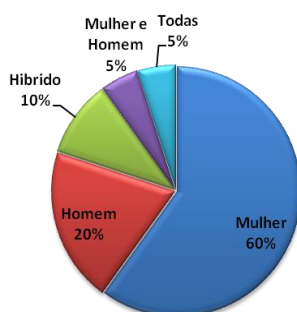


Gráfico 5 - Qual aula teórica você mais gostou de ter participado?



Quando questionados acerca de qual aula teórica gostaram mais de ter participado, 60% dos alunos optaram pela aula da mulher ao longo da história da Arte. Um relato que gostaria de destacar, foi o de uma aluna, que justificou sua escolha com a seguinte frase: “Porque quando fala da mulher falo sobre mim.”. Aqui podemos ver a identificação dela com essa aula. Percebe-se que ela não se sentiu longe da matéria transmitida e pôde, com autonomia, estabelecer conexões entre as suas vivências e o conteúdo proposto. Legitimando o processo de aprendizagem no qual transporta a matéria de sala de aula para o próprio dia-a-dia.



Gráfico 5 - Você achou pertinente o método anacrônico de abordagem do conteúdo?

Com relação a esse trabalho cognitivo, surge uma das perguntas cerne deste trabalho. “Todos esses períodos estão presentes na nossa vida hoje.”, foi uma das justificativas que legitimou o processo anacrônico como uma possibilidade metodológica de ensino de história da Arte. Quando o aluno identifica períodos históricos de outrora em seu dia-a-dia, significa que ele introjetou o conteúdo e fez as comparações e conexões, realizando o trabalho intelectual de que Ana Mae (2008) se refere.

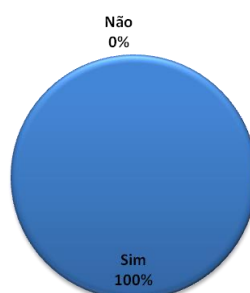


Gráfico 6 - Com relação às aulas teóricas. Você considera que aprendeu alguma coisa?



Aqui uma situação curiosa. Unanimemente os alunos consideram as aulas teóricas satisfatórias, contra 95% em relação as aulas práticas que o gráfico da pergunta 5 demonstrou. Ainda que seja a maioria, vale destacar uma das principais justificativas desses 5% que não consideraram as aulas práticas satisfatórias. De acordo com um desses alunos, durante as aulas práticas ocorre “muita bagunça e isso me desconcentra. Nas aulas de slide todo mundo fica quieto.”. As “aulas de slide”, a qual o aluno se refere, são as aulas teóricas que foram montadas para serem projetadas em multimídia.

O modo como alguém realiza uma prática artística varia de indivíduo para indivíduo. Nesse caso, o discente em questão perde a concentração no trabalho quando a aula permite que os alunos falem uns com os outros. Em meio a isso, ressurgue o velho debate de que a aula de Artes é sinônimo de “hora de recreação”. Segundo Ana Mae Barbosa, a aula de Artes pode ser considerada a hora do prazer e até mesmo da recreação, o que não significa que não haja um trabalho intelectual. Durante o fazer artístico, o individuo compara, examina, busca soluções, trabalha com percepção visual e processo de criação, em suma, a arte mobiliza toda a cognição.

Bibiano de Almeida

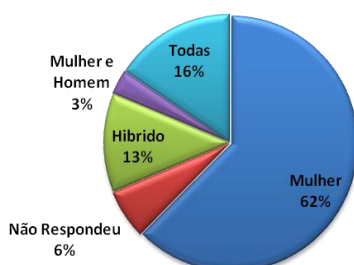


Gráfico 7 - Qual aula teórica você mais gostou de ter participado?



Também ocorre a preferência pela aula da mulher ao longo da história da Arte, contudo vamos pontuar algumas das justificativas explicitadas pelos 13% que preferiram o híbrido.

“Pela capacidade da pessoa de se transformar.” e “todos temos nosso lado masculino e feminino.”, foram dois significativos porquês em relação ao conteúdo do híbrido. A intenção dessa aula foi proporcionar uma visão mais ampla em relação as possibilidades de sua própria personalidade e sexualidade. Foi visível as reações de espanto causadas a medida em que cada obra era mostrada. Os alunos saíram da sua zona de conforto do que é imposto pelos limites sociais do sexo masculino e feminino e passaram a entender que o ser humano é detentor de múltiplas facetas e que temos a possibilidade de explorá-las tanto dentro do próprio gênero, cambiando entre um e outro ou hibridizando os dois.



Gráfico 8 - Você achou pertinente o método anacrônico de abordagem do conteúdo?

Aqui 88% acredita que o anacronismo é viável como método de ensino. Esses entenderam que “a mistura de hoje é uma mistura do tempo” e que “tudo que somos hoje vem do tempo de antes”. Compreenderam “que não precisa necessariamente seguir uma ordem” e que “podemos comparar sem necessariamente seguir datas”. Apesar do curto período de aula oferecido à disciplina de Artes, o conteúdo a partir desse método torna-se “interessante porque não é corrido” e “chama mais a atenção”.



Gráfico 9 - Com relação às aulas teóricas. Você considera que aprendeu alguma coisa?

94% diz que “foi prazeroso ter esse tipo de ensinamento.” e “aprendi a valorizar as pequenas coisas e as pessoas ao redor.” contra “eu já me esqueci das aulas teóricas.” e “eu já estou no último ano e não preciso saber disso.”.

Conclusão

O presente artigo não é somente um relato de experiência, mas sobretudo, uma estratégia de aplicação de sentidos cotidianos da história da arte tão raramente vistas na educação básica. Há muito mais a se fazer, como por exemplo, a aplicação desse método nas escolas públicas de ensino regular, bem como a articulação com as outras áreas do conhecimento.

Percebe-se também nessa investigação uma forma de lidar com o tempo com a construção do passado na tentativa de compreender o presente. Diante disso, conclui-se que nós nos constituímos de períodos anteriores. Somos feitos de imagens, ideias e culturas de outrora. Se isso preenche nossa existência, então, conseqüentemente, o passado torna-se presente, hoje e agora.

Termino o presente artigo com os resultados da última pergunta do questionário.

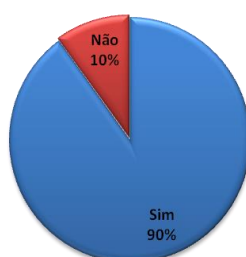


Gráfico 10 - CAIC - Gostaria que as aulas continuassem?

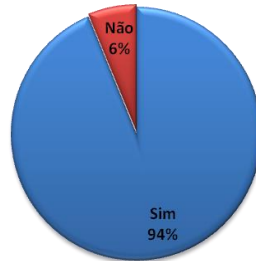


Gráfico 11 - Bibiano de Almeida - Gostaria que as aulas continuassem?

Referências

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte, anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ante el tiempo: História del arte y anacronismo de las imágenes*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2008.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.

SOARES, Leôncio et al. *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.